

Ano V, v.2 2025 | submissão: 16/06/2025 | aceito: 18/06/2025 | publicação: 20/06/2025

Berçário: lugar dos começos da vida e da construção da profissionalidade docente

Nursery: place where life begins and where professional teaching is built

Isabel Oliveira – Universidade Federal de Alagoas (UFAL) E- mail: belcrysos@hotmail.com

Resumo

Este artigo apresenta um relato pessoal sobre a docência com bebês de 5 meses a 18 meses, refletindo acerca da participação cotidiana no desenvolvimento infantil, quanto os desafios e a solidão que envolvem a prática pedagógica. O relato de experiência está embasado nos pressupostos da pesquisa narrativa no campo da formação de professores. Opto pelo uso da primeira pessoa em determinadas partes do texto. No entanto, faço isso não muito distante dos padrões acadêmicos, contudo, o suficiente para valorar a singularidade da respectiva docência. Considero que enquanto belo, a docência com bebês contempla as primeiras experiências de si no contato com o mundo e nas interações com os pares e adultos. Por outro lado, esse cotidiano que precede a comunicação colaborativa entre docentes e rede de ensino, na verdade, se constitui em uma profissão solitária e silenciada. A solidão profissional é uma consequência de políticas públicas imbuídas de uma lógica mercantil que minimiza a complexidade epistêmica e didática da educação na primeiríssima infância.

Palavras-chave: Bebês. Documentação Pedagógica. Educação Infantil. Docência. Narrativas.

Abstract

This article presents my account of teaching babies aged 5 months to 18 months, reflecting on daily participation in child development, as well as the challenges and solitude that accompany pedagogical practice. The experience report is grounded in the assumptions of narrative research in the field of teacher education. I choose to use the first person in certain parts of the text. However, I do this not too far removed from academic standards, yet enough to value the uniqueness of the respective teaching. I consider that, while beautiful, teaching babies encompasses the first experiences of self in contact with the world and in interactions with peers and adults. On the other hand, this daily life that precedes collaborative communication between educators and the education network actually constitutes a solitary and silenced profession. Professional solitude is a consequence of public policies imbued with a market logic that minimizes the epistemic and didactic complexity of education in early childhood

Keywords: Babies. Pedagogical Documentation. Early Childhood Education. Teaching. Narratives

1 Introdução

Ao iniciar o proposto, Carvalho, Pedrosa e Ferreira (2012) ajudam a compreender que o desenvolvimento dos bebês articula fatores biológicos e sociais, acontecendo por meio de múltiplas interações, especialmente com aqueles/as que mantêm vínculos afetivos. Ou seja, os bebês nascem imaturos do ponto de vista motor e comunicativo, dependentes da figura adulta para sua sobrevivência e inserção no mundo cultural. É por intermédio desta figura que suas necessidades são supridas.

Num panorama geral, a história da educação brasileira revela que este papel, majoritariamente atribuído às mulheres, delegava responsabilidade pela subsistência e educação da moral e dos bons costumes dos pequenos. Até o final do século XVIII, as jovens de famílias afortunadas contavam com suas amas de leite ou escravas. Enquanto aquelas da subserviência, além de servir às senhoras, eram encarregadas pelos seus.

Com a modernidade e a industrialização no século XIX, a mudança de famílias rurais para a

Ano V, v.2 2025 | submissão: 16/06/2025 | aceito: 18/06/2025 | publicação: 20/06/2025

cidade fomentou os primeiros espaços educativos para crianças menores de sete anos, pautados em uma educação higienista e recreativa, com apoio dos órgãos da saúde, em detrimento do índice de mortalidade infantil que pairava no respectivo período histórico. Estes espaços, anexos às fábricas, asseguravam a guarda dos filhos e filhas de mulheres que trabalhavam nas indústrias têxtil, como costureiras, fiadeiras e embaladoras. Destarte, a correlação de sentidos entre abandono e caridade influenciou as formas precárias de acolhimento das crianças das camadas populares ao longo da história da educação brasileira.

Somente no período da redemocratização brasileira, na metade do século XX, a luta contra o assistencialismo e a educação compensatória para as crianças da classe trabalhadora ganha seus primeiros dispositivos legais. A Constituição Federal de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - nº 9.394/1996), as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, 2010) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) nomeiam as especificidades das infâncias e seus espaços escolares evidenciados e institucionalizados. A educação infantil passa a ser responsabilidade da família e do Estado, constituindo-se em etapa inicial da educação básica, ofertada em creche (0 a 3 anos) e pré-escola (4 e 5 anos), em tempo integral ou parcial. Estas normas firmam o comprometimento com o desenvolvimento em aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais, bem como a superação da desigualdade e segregação. Nesse cenário de consolidação – cuja identidade vem se definindo na especificidade da sua ação educativa e da singularidade do trabalho da professora da infância¹ – a trajetória das instituições tem se pautado na defesa dos direitos dos mais novos a educação integral.

Ao mesmo tempo, os debates acadêmicos e formativos em torno da primeira infância oportunizam uma reflexão crítica sobre a creche, enquanto lugar dos começos da vida e reconhecimento da capacidade do bebê em aprender e apropriar-se dos significados, por meio da inserção gradual em um conjunto de relações interpessoais, bem como no tocar, ver e sentir as materialidades do mundo, conciliando corpo e pensamento. Nas palavras de Richter e Barbosa (2010, p. 85): “os bebês, em seu humano poder de interagir, interrogam modelos curriculares ao afirmarem, nas suas ações cotidianas, a interseção do lúdico com o cognitivo nas diferentes linguagens comunicativas”.

As autoras Richter e Barbosa (2010, p. 87) seguem seus diálogos afirmando que, no respectivo processo, a educadora do berçário atua como co-participante do desenvolvimento infantil. Estando presente de mente e corpo, observa e dá sentido às linguagens dos bebês adequadamente, pois suas formas de comunicação e expressão emergem dos gestos, dos olhares, dos sorrisos e dos choros. Nesta configuração, o papel do cuidado alinha-se à educação, de maneira que situações ditas

¹ Opto pelo uso feminino da palavra uma vez que a profissão possui um quadro majoritariamente de mulheres.

Ano V, v.2 2025 | submissão: 16/06/2025 | aceito: 18/06/2025 | publicação: 20/06/2025

comuns, a exemplo da alimentação e higiene, se transformam em dispositivos de aprendizagem e garantias da dignidade, proteção à vida, à saúde, à liberdade de agir, brincar, conviver e interagir; em outras palavras, o respeito pela individualidade, dispostos na DCNEI (2010).

Neste cenário rico que consiste na educação de 0 a 3 anos, é indispensável falar da docência. O compromisso deste artigo é romper o espectro da invisibilidade e do silenciamento em torno da atuação de professoras, a partir do relato de experiência da minha turma de berçário, na qual atuei no ano de 2024, num Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) da rede pública da cidade de Maceió/AL, composta por 8 bebês entre 5 meses e 18 meses de vida, atendidos em tempo integral (7h às 17h).

Para os bebês, os ambientes físicos necessitam de aparelhamentos voltados ao brincar e de adultos que se encantem pelas primeiras experiências de desbravamento do mundo. Freitas (2023) reforça o debate ao dizer que, na fase inicial da vida, o bebê vive um intenso processo de ajustamento e de apropriação do meio, favorecido quando dispõe de um entorno humano que o acolha, que lhe dê segurança.

Concomitantemente, Minetto e Prestes (2018, p. 65), endossam ao pontar que quanto menor a criança, maior a sensibilidade para a organização do ambiente a sua volta, isto, por sua vez, “inclui a busca de um equilíbrio entre o prazer de estar com o bebê e a competência profissional”. Neste equilíbrio fundamental, se encontra a motivação deste artigo: o abismo entre o belo e a solidão da docência com bebês, pois o equilíbrio esperado é atravessado por elementos externos e políticos que estão além do âmbito escolar e que impacta diretamente nas relações e prática educativa-pedagógica.

No sentido etimológico das palavras, conforme o dicionário Latim – português (2020), belo vem do latim *bellus*, que denota contemplação, felicidade, sensação de prazer e de admiração. A solidão, vinda do latim "*solitudo*", por outro lado, se refere ao estado de quem está só, mesmo que rodeado de pessoas. Diante de tais distinções, pergunto: de que forma essas emoções coexistem e se entrelaçam na prática educativa-pedagógica das educadoras de berçário? Antes de seguir escrevendo, é importante tomar nota da relação educativa-pedagógica. Estas não se separam, mas se correlacionam no cotidiano escolar, indicando a ação educativa enquanto a relação entre educar e cuidar na infância, atravessada pela pedagogia, ao dizer que essa ação possui intencionalidade estética, política e ética no desenvolvimento dos bebês.

Voltando à problematização estruturada na pergunta acima, digo que esta questão pulsante no íntimo da minha profissão é respondida na trilha de proposições a seguir, com atenção ao relato de experiência do cotidiano matutino de minha turma de berçário em 2024. Turno este em que atuei das 7h às 11h. Assim, é sobre a solidão da professora de bebês que não tem com quem dialogar sobre quão gratificante é acompanhar as conquistas dos pequenos, bem como as condições de trabalho não asseguradas no interior da escola e da rede municipal de ensino, que trata este artigo.

Ano V, v.2 2025 | submissão: 16/06/2025 | aceito: 18/06/2025 | publicação: 20/06/2025

Com a intenção de refletir a respeito da temática, é elucidado a seguir as contribuições epistêmicas dos documentos autorais ou narrativos, como forma metodológica de fazer pesquisa sobre a própria prática e refletir os dilemas envolvidos.

2. Contribuições metodológicas da perspectiva narrativa na formação docente

A todo momento, o ser humano está narrando algo sobre si ou que tenha relação com o mundo do qual faz parte. Destarte, fazer pesquisa apoiada em narrativas não significa somente contar histórias; ao contrário disso, exige um comportamento ético e embasamento teórico. Segundo Alves (2020, p. 288), o trabalho narrativo mostra “os pontos de intersecção, de cruzamento entre o nível singular da experiência vivida e o coletivo”.

No campo da educação, desde a década de 90, com a disseminação da pesquisa-formação e dos estudos sobre a história da formação docente, são comuns as pesquisas qualitativas de cunho descritivo, que utilizam os recursos biográficos de professores/as – diários ou cadernos de registros, fotografias, anotações e planos de aula – para compor seus quadros investigativos. O que é incomum, na verdade, são publicações analíticas sobre a própria prática, a partir das reflexões sobre os próprios registros, na interface com o conhecimento teórico. Esta dificuldade pode estar atrelada à inexperiência de pesquisa entre os/as profissionais da educação básica, devido as condições precárias de trabalho e de estudo contínuo; bem como pela rara visibilidade científica nos ambientes acadêmicos sobre as pesquisas acerca da própria atuação profissional.

António Nóvoa (1992) e Paul Ricoeur (2010), na contramão do elitismo acadêmico, percebem a relevância dos instrumentos biográficos enquanto campo de pesquisa na educação, sendo um método autoformativo para divulgar inquietações epistêmicas e metodológicas que circundam o cotidiano escolar. Enviesados pela hermenêutica das palavras, Paul Ricoeur (2010), no tomo II de Tempo e Narrativa, ressalta que a construção do conhecimento nesta perspectiva traduz o pensamento científico desenvolvido em um cenário cultural. A vivência se torna a unidade básica que pode, por meio do relato, captar representações sociais sobre o vivido.

Em outras palavras, as pesquisas narrativas em educação têm em comum o sujeito da biografia; entretanto, seus métodos são variados devido às suas ramificações filosóficas e metodológicas. No campo antropológico, destinado ao estudo processual da formação humana, habitualmente são utilizadas entrevistas orais, diários de classe, relatos de experiências e fotografias, como mencionam os autores supracitados. Também, o pioneiro neste ramo, António Nóvoa (1992, p. 85), afirma: “subestimar a sabedoria que resulta necessariamente da experiência sociocultural é, ao mesmo tempo, um erro científico e a expressão inequívoca de uma ideologia elitista”.

Simultaneamente, Delory-Momberguer (2011), uma das pesquisadoras francesas mais

Ano V, v.2 2025 | submissão: 16/06/2025 | aceito: 18/06/2025 | publicação: 20/06/2025

conceituadas nas pesquisas narrativas no campo da educação, diz que a finalidade está em compreender o sujeito que narra e as interpretações que ele ou ela tem de si como pessoa e profissional. Assim, nas palavras da autora (2011, p. 2001), a narração oral ou escrita “não é somente o sistema simbólico pelo qual os indivíduos conseguem expressar o sentimento de sua existência; a narração é também o espaço em que o ser humano se forma, elabora e experimenta sua história de vida”.

Portanto, o relato de experiência do cotidiano do berçário como metodologia de pesquisa, aponta: 1 - a beleza em acompanhar o desenvolvimento da primeiríssima infância; 2 - partilha o sentimento de solidão profissional gerado pela precariedade do trabalho, tanto pela ausência de trocas interlocutoras, pois geralmente as propostas coletivas da creche não contemplam os bebês e, por fim, 3 - a incompreensão dos sistemas de ensino sobre as demandas do berçário, sobrecarregando a atuação docente.

De modo geral, para as educadoras do berçário, são entregues salas com poucos recursos pedagógicos, amontoados de berços e colchões, reafirmando o caráter assistencialista e higienista, com preocupação mínima ao desenvolvimento integral dos bebês e acolhimento de suas famílias. Na verdade, quase que remetendo-se ao século XIX. Tais cenários validam a urgência em disseminar as experiências docentes, a fim de contribuir com a mudança de percepção da própria categoria profissional em relação à atuação com os bebês, como também para aproximar a prática pedagógica das orientações curriculares prescritas nas DCNEI (2010), delegando as competências correspondentes às entidades envolvidas na qualidade do atendimento.

O relato narrativo transforma-se, assim, em um instrumento de apropriação da própria história, promovendo uma reflexão acerca de si mesmo e do contexto social apresentado. Esses aspectos, por sua natureza, são interdependentes no âmbito da Educação Infantil: Ao escrever sobre o cotidiano vivido com as crianças, o professor cria espaço para refletir sobre seu fazer, abre possibilidades para avaliar o caminho pedagógico planejado, redefinindo passos ou reafirmando o caminhar. O exercício do registro diário oportuniza, de maneira ímpar, a articulação entre aspectos teóricos e práticos implicados na ação docente, entre conquistas realizadas e desafios mapeados, entre o projetado e o concretizado. Sobretudo: ao registrarem e refletirem sobre o conteúdo registrado, professoras e professores, apropriando-se de sua história, ensaiam autoria. (OSTETTO, 2018, p. 56).

Sob essa perspectiva, foram levados em conta os seguintes instrumentos para a elaboração deste artigo:

1. Diário de registro do cotidiano: constituído por um caderno com falas de contextos vividos com bebês ou sobre aspectos de seus desenvolvimentos, bem como lembretes dos interesses destes para potencializar as práticas socioeducativas. Também dispunha de um bloco de anotações no meu dispositivo móvel. O bloco de notas revelou-se um recurso valioso, pois possibilitou a preservação

Ano V, v.2 2025 | submissão: 16/06/2025 | aceito: 18/06/2025 | publicação: 20/06/2025

de acontecimentos, cenas e experiências observadas, que, frequentemente, poderiam ser esquecidas devido à correria do dia a dia. De um modo geral, tais recursos, como menciona Ostetto (2008), utilizadas de maneira fragmentada dia após dia, se organiza num todo integrado e coerente.

2. Fotografias dos ambientes do berçário e das experiências lúdicas dos bebês, referente ao ano letivo de 2024. Estes instrumentos foram meus principais aliados, não somente neste artigo, como também enquanto estratégia de coleta de elementos para a avaliação da prática educativa-pedagógica e para o replanejamento dos espaços, tempos e recursos da sala do berçário. Em outras palavras, os registros permitiram construir a memória compreensiva sobre o vivido junto ao grupo de bebês, e tecer sentidos a essa relação, que ora preenche o espírito de belos sentimentos ao perceber o desenvolvimento do agrupamento, ora invade de tristeza e solidão na ausência da partilha colaborativa.

Apesar disso, Freitas (2023, p. 38) muito nos anima, ao escrever: A observação, o registro e a reflexão constituem a ferramenta que dá sustentação ao trabalho da educadora e reafirma a sua ação. [...] ajuda a educadora a focar a atenção interessada pelo que a criança sabe e faz. Esse exercício mental e o esforço intelectual e afetivo direcionado para conhecer e dar sentido às situações cotidianas impedem que as ações se tornem repetitivas, mecanizadas ou desconectadas. (FREITAS, 2023, p. 38). Destarte, no que se refere aos registros fotográficos, a compreensão da imagem em relação às experiências vividas, estabelece conexões com a realidade. Em outras palavras, incide em abordagem dialógica e dialética de cunho narrativo pessoal, na qual é estimulada a autoreflexão do/a leitor/a, permitindo que este/a se aprofunde em questões que podem ir além do que o artigo aborda. No tecer fios narrativos sobre a docência com bebês, foram selecionadas 13 fotografias que retratam a organização do berçário e as experiências educativas, lembrando que há consentimento das famílias para utilizando do recurso em publicações acadêmicas. Mesmo assim, foram selecionados registros que asseguram a privacidade da identidade do agrupamento. As fotografias retratam uma sala cuidadosamente planejada para permitir que os bebês explorassem livremente, enquanto demais atividades se realizavam simultaneamente. Assim, juntamente com o relato, é possível apreciar a beleza da educação na primeira infância, bem como a solidão enfrentada na organização do contexto. Também, as fotografias foram escolhidas de acordo com os critérios de tempo, espaço e recurso, fomentando um panorama geral do cotidiano.

Neste debate provocativo, Oliveira e Fabrício (2024), elucidam: Ao olharmos uma fotografia, a memória é ativada de forma que acabamos lembrando de toda uma situação relativa ao instante em que se desenrolou o fato registrado e, conseqüentemente, outros fatos que não estão presentes na imagem fixada, detalhes subjetivos que enriquecem e se transformam em informações. (OLIVEIRA e FABRICIO, 2004, p. 176). Este processo metodológico de pesquisa, segundo Nóvoa (1992), também é formativo e de construção da documentação pedagógica docente. Em outros termos,

Ano V, v.2 2025 | submissão: 16/06/2025 | aceito: 18/06/2025 | publicação: 20/06/2025

a produção do conhecimento entrelaça a teoria à prática. Neste modelo a escrita acadêmica se desvia de alguns preceitos da gramática brasileira, por tratar-se de algo mais intimista, dotado de conteúdos pessoais e cheios de tramas. Envolve tempos distintos, alguns na primeira pessoa do singular – presente ou passado – ao remeter a uma memória individual; do mesmo modo, recorre, às vezes, à terceira pessoa do plural – presente ou passado – para trazer reflexões literárias.

3. Escrever o vivido: memórias, registros e reflexões

Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso, (WALTER BENJAMIN, 1994, p. 205).

Na concepção do filósofo (1994), ao estabelecer relação entre a experiência e a narrativa, coexiste simultaneamente o vínculo entre o episódio narrado e a vida do(a) narrador(a). Destarte, ao tecer escritos relacionando aspectos pessoais aos profissionais, acentua-se a relevância da condição humana no mundo do trabalho, sobretudo no âmbito da educação, a qual lida com a formação embasada nos princípios da individualidade e subjetividade.

Tomando como ponto de partida as explicações anteriores, para as educadoras de creche, o movimento conduz a autoformação, que também é descrito com maestria por Ostetto (2008), na seguinte reflexão: Ao escrevermos nossa experiência, nosso fazer ganha visibilidade, torna-se documento ao qual podemos retornar para rever o vivido, atribuindo-lhes outros significados [...]. Por meio do registro, travamos diálogos com nossa prática, entremeando perguntas, percebendo idas e vindas, buscando respostas que vão sendo elaboradas no encandeamento da escrita (OSTETTO, 2008, p. 30) Assim, ao registrar os saberes experienciais do cotidiano educativo, deixamos nossas marcas pessoais. Sendo assim, trago minhas marcas imbuídas na tessitura da narrativa sobre ser professora de bebês, por meio de reflexões do cotidiano escolar do ano de 2024.

3.1. O lugar dos começos da vida

O dia começava cedo! 7h os bebês acompanhados de seus responsáveis estavam à espera. Havia um combinado com as famílias para a entrada dos bebês às 7h30min, pois era preciso, junto a minha educadora de apoio, averiguar todo o berçário, já que o chão e os objetos à disposição se constituem no terceiro educador do cenário. Ou seja, mecanismo de fortalecimento do vínculo conosco e da autonomia dos bebês.

Em um curto espaço de tempo, organizávamos o ambiente acolhedor para o sono, enchendo banheiras por precaução, já que a escassez de água era uma situação frequente na instituição. Recolhíamos garrafas térmicas na cozinha do CMEI para preparar as mamadeiras na sala do berçário,

Ano V, v.2 2025 | submissão: 16/06/2025 | aceito: 18/06/2025 | publicação: 20/06/2025

uma vez que o lactário não estava em funcionamento. Mesmo ciente das minhas atribuições profissionais, passei a preparar as mamadeiras, pois a realidade muitas vezes se distancia do ideal. E embora vivenciada a introdução alimentar, os bebês chegam ao berçário dependentes do aleitamento. Portanto, é impossível e desumano retirar abruptamente as mamadeiras que proporcionam conforto e acalento, especialmente na ausência do próprio aleitamento.

Porquanto, me vi na situação que descrevi: preparando mamadeiras na sala do berçário, algo que jamais havia feito, tampouco sido instruída durante minha formação inicial e continuada. Construí uma tabela das dosagens das fórmulas e dos horários em que os bebês costumavam tomá-las durante o dia (informados pelas mães), as quais eram preparadas numa bancada de mármore da sala, que possui uma pia grande e convidativa para o feito. Embora os elementos físicos dispostos não tenham essa finalidade, na prática, a realidade é desafiadora. É claro que, com o passar dos meses, os bebês substituíam as mamadeiras pela alimentação ofertada na escola; porém, enquanto isso não ocorria, o cotidiano se sobrecarregava até meados de agosto.

Apesar disso, buscávamos criar um ambiente o mais estimulante e acolhedor possível para os bebês. O espaço foi pensado com contextos lúdicos adequados à faixa etária, incluindo tapetes e almofadas espalhados pela sala, uma rede para descanso e uma casinha de madeira repleta de livros, além dos objetos não estruturados. Assim, proporcionávamos um ambiente rico em materiais variados, atendendo as curiosidades do agrupamento. Alguns estavam envolvidos na produção de sons, outros se dedicavam a empilhar objetos e escalar mobílias, enquanto havia aqueles que exploravam a mobilidade e a coordenação de mãos e braços, arremessando bolas e outros itens.

Como uma grande equilibrista, buscava uma organização do cotidiano no valor do cuidado e afeto, promovendo a atividade autônoma fundada na própria iniciativa, o conhecimento de si, a apropriação do entorno e a manutenção do bom estado de saúde. Neste ponto, o berçário incidia em um amplo espaço físico, com estruturas semiabertas para o brincar e com ambientes reservados aos cuidados fisiológicos e de descanso.



Fonte: arquivos da autora, 2024

Ao balizar o planejamento do berçário nestas proposições, valho-me das explanações de Maria Horn (2007) ao dizer que o espaço intencionalmente preparado acolhe os estados de insatisfação ou satisfação dos bebês, assim como das descobertas da capacidade corpórea e visual. Logo, nesta estrutura, a superfície firme é fundamental para o movimento livre em busca do controle motor e fortalecimento do tônus muscular.

Retomando o relato sobre a organização, quando tudo finalmente estava preparado, recebíamos cada bebê de forma individual, anotando aspectos do sono noturno, a última refeição e outras observações trazidas por seus responsáveis. Pois, como já dito, o grupo de 8 bebês permanecia na creche em tempo integral, ou seja, até às 17h. No turno matutino, estavam sob os meus cuidados e da educadora de apoio. Vale pontuar que, na minha saída, às 11h, a educadora de apoio do turno vespertino chegava à sala para dar suporte à educadora de apoio do turno matutino, a qual permanecia até às 13h, com a chegada da educadora responsável pela tarde, também chamada de “educadora de referência”, segundo as orientações da BNCC (2017). Tal dinâmica garantia que os bebês estivessem na companhia de dois adultos para suprir seus cuidados.

Diante do relato inicial, ao tentar pontuar os conflitos entre acompanhar a beleza do desenvolvimento dos bebês e a solidão da prática pedagógica, declaro quão exaustivo o início do dia no berçário, tendo que prepará-lo em 30 minutos, bem como outras demandas que sufocavam as manhãs e limitavam a atenção aos bebês, a exemplo do preparo de mamadeiras, lavagem de brinquedos e higienização profunda de banheiras. Neste quesito, Santos (2020, p. 15), reafirma a minha jornada solitária, ao dizer:

Ano V, v.2 2025 | submissão: 16/06/2025 | aceito: 18/06/2025 | publicação: 20/06/2025

A solidão profissional é consequência da ausência ou insuficiência de acompanhamento pedagógico e de condições de trabalho que levam a professora a buscar esse apoio nela mesmo, assumindo a responsabilidade individual pela construção das condições materiais e intelectuais para o exercício da docência com bebês (SANTOS,2020, p. 15).

Outro exemplo de solidão eram os momentos em que eu não conseguia harmonizar o tempo dos bebês à rotina de alimentação do CMEI, que possui horários fixos (8h: servida uma fruta; 10h: servido o almoço). Às vezes, a ausência de suporte era suprida por uma colega que, ao passar pela porta do berçário e diante de choros, se compadecia e buscava as bandejas com refeições e frutas ofertadas, já que nem sempre era possível sair para recolhê-las na cozinha. Do mesmo modo, era geralmente difícil levar os bebês até o ambiente coletivo de alimentação, mesmo havendo cadeiras específicas para eles no local. Éramos duas educadoras para 8 bebês, com ritmos de sono e horários de refeição distintos daquele pré-estabelecido pela instituição. Na maioria das vezes, 2 ou 3 estavam sonolentos nos respectivos horários, enquanto outros estavam em suas explorações, tornando arriscada a saída somente de uma educadora com um pequeno grupo - mesmo que em menor quantidade - enquanto a outra ficaria em sala. Por isso, todas as refeições eram feitas dentro do berçário.

Esta situação se fez em detrimento da inflexibilidade da rotina escolar para o berçário, quanto à minha recusa em tentar encaixar os bebês a qualquer custo nos horários fixados. Apesar da solidão que envolvia a prática educativa-pedagógica, o respeito ao ritmo interno de desenvolvimento dos bebês era o princípio balizador das ações dentro do berçário.

Antes de prosseguir, é relevante assinalar que esta é só uma dentre tantas situações que ultrapassam a docência com bebês. Todavia, são assumidas para que os bebês tenham o mínimo de atendimento qualitativo, já que os órgãos públicos competentes ainda estão impregnados por concepções assistenciais, delegando arbitrariamente demandas às educadoras que não lhes competem.

Em meu caso, quando apontava o desgaste e a solidão nos encontros coletivos com a comunidade escolar, a seguinte frase geralmente era proferida como solução: “estamos aqui para ajudar, é só gritar por ajuda que a gente vai”. Inquieta, me perguntava como me dirigir até a porta do berçário e literalmente erguer a voz pedindo apoio. A meu ver, não me parecia uma atitude adequada ao ambiente educativo. Escrever a respeito disso não se trata de uma acusação à gestão escolar, mas uma crítica à falha do sistema municipal de Maceió/AL no que tange às formações continuadas de educadoras e gestoras de creche, quanto à escassez de recursos e de pessoal que a educação infantil enfrenta.

Destarte, a solidão não pode ser compensada e deve ser combatida, mas, em meu caso, é amenizada nas conquistas dos bebês. Em outras palavras, são estes que impulsionam a continuidade de um magistério comprometido com a luta pela qualidade da educação infantil, seja através dos

Ano V, v.2 2025 | submissão: 16/06/2025 | aceite: 18/06/2025 | publicação: 20/06/2025

posicionamentos escritos e reivindicatórios, quanto no próprio cotidiano escolar e nos diálogos com as famílias.

Além do mais, estar todos os dias com os bebês exige um movimento constante de ação e reflexão, em que os próprios e suas formas de agir no mundo estão no centro do processo de trabalho. Nesta perspectiva, eis abaixo alguns registros do berçário e seus contextos brincantes do ano letivo de 2024, orientados pelos direitos de aprendizagem da educação infantil (BNCC, 2017): conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se.

Concomitantemente, o berçário que narro era detalhadamente arquitetado com base na teoria de Emmi Pikler (1902 – 1984), que elenca o bebê como ser protagonista de seu desenvolvimento, quando em contato com os pares, adultos e espaços ricos em experimentações. Na concepção da pediatra, é importante rodeá-los/as com objetos que lhes permitam agir por sua própria iniciativa e interesse, fortalecendo a autonomia, autoconfiança e prudência na realização de suas ações.

Deste modo, ao longo das manhãs que passávamos juntos, procurava organizar o berçário para que as respectivas habilidades fossem contempladas, ao passo que, também se tratava de uma resistência ao sistema que reduz à docência com os bebês ao puro assistencialismo.

Figura 2 – casinha de madeira



Fonte: arquivos da autora, 2024

Figura 3 – bacia de exploração



Fonte: arquivos da autora, 2024

Figura 4 – contexto de pesquisa



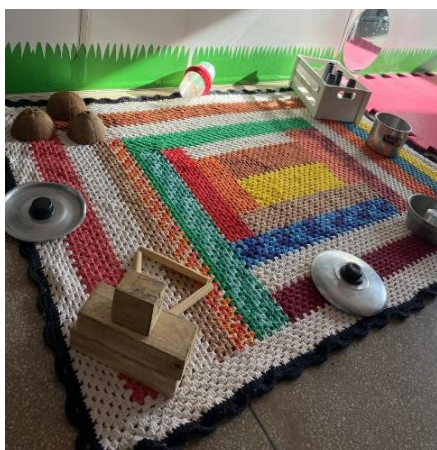
Fonte: arquivos da autora, 2024

Figura 5– reflexos no espelho



Fonte: arquivos da autora, 2024

Figura 6 – sons e materialidades



Fonte: arquivos da autora, 2024

Figura 7 – Rampa e movimento



Fonte: arquivos da autora, 2024

Segundo Kállo (2021, p. 12), um espaço intencionalmente planejado permite “que os bebês exerçam seu potencial criativo através de objetos de diferentes formas, tamanhos, texturas, volumes, cores etc., para explorar e brincar de forma curiosa e espontânea.” Além disso, quando inseridos em um ambiente com um chão preparado para eles, o corpo é desafiado constantemente, testando posições, entre elas: rolar, ficar de bruços, arrastar-se, girar, ficar na posição de quatro apoios e, paulatinamente, colocar-se na verticalidade, sem a interferência dos adultos. Quando estes antecipam as ações dos bebês, podem lesionar as estruturas ósseas que não estão completamente formadas. Nesta configuração, os bebês vão conquistando novas habilidades, calculando riscos e sinalizando quando é preciso apoio de alguém. Somente em um ambiente cuja segurança e conforto estejam na base de seu planejamento, pode-se partir da perspectiva explanadas

Figura 8 – pulff e desafio corporal



Fonte: arquivos da autora, 2024

Figura 9 – móbile de peneira



Fonte: arquivos da autora, 2024

A partir do conjunto de imagens, é importante ressaltar que, enquanto alguns bebês exploravam, outros descansavam ou necessitavam de cuidados básicos. Destarte, o cotidiano é um fenômeno coletivo, mas não se restringe a atividades fixas que devem ser realizadas simultaneamente por todos. Cada bebê é considerado em sua totalidade, interagindo com o ambiente e estabelecendo relações com seus pares e adultos. A seguir, são exibidos outros contextos do berçário. Esses momentos evidenciam que, nos primeiros anos de vida, o cuidado e a educação se entrelaçam e são fundamentais para um desenvolvimento integral, conferindo ao berçário uma importância social significativa na primeira etapa da educação básica. É nesse ambiente que habilidades como autoconfiança, mobilidade e autonomia são cultivadas, **abrindo caminho para uma educação** comprometida com o protagonismo infantil e o reconhecimento da criança como ser dotado de direitos civis.

Em virtude do limite do artigo e da riqueza de detalhes que envolve o berçário, é impraticável narrar e refletir em minúcias, mas é possível se aproximar, através das fotografias, daquilo que foi planejado para colaborar no dia a dia dos bebês na creche. Trata-se de um planejamento feito com comprometimento aos direitos da vida e à educação de qualidade.

Figura 10 – para o descanso



Fonte: arquivos da autora, 2024

Figura 11 – pneus para erguer-se



Fonte: arquivos da autora, 2024

Figura 12 – o cuidado que educa



Fonte: arquivos da autora, 2024

A estruturação do berçário narrado enquanto lugar de promoção do desenvolvimento, foi construído com a colaboração da comunidade de pais e funcionários da escola, doações independentes e articulações com instituições privadas de Maceió/AL, fornecendo brinquedos aos bebês. Por isso, o presente artigo é de igual modo para comunicar a invisibilidade da dimensão pedagógica na educação dos bebês pelas políticas públicas. É, pois, responsabilidade nossa amplificar a real intencionalidade do berçário, criticando e rompendo com discursos assistenciais e de desvalorização docente.

A elaboração deste artigo apoia a luta pela qualidade da educação na primeiríssima infância, enfocando a relevância da formação docente. Esses aspectos, que se entrelaçam no cotidiano escolar, representam temas recentes no Brasil, especialmente após a promulgação da LDB de 1996, que orienta a formação superior em pedagogia para o exercício na educação infantil. Nesse contexto,

Ano V, v.2 2025 | submissão: 16/06/2025 | aceito: 18/06/2025 | publicação: 20/06/2025

enfrentar os resquícios históricos e religiosos que permeiam o magistério com bebês e crianças pequenas pode, por meio de relatos de experiências, constituir um caminho para entender que a educação requer o comprometimento da sociedade como um todo.

Por sua vez, no âmbito da docência, balizada pelo educar e cuidar, conforme o RCNEI (2010), exige compreensão do bebê enquanto ser no presente, capaz de modificar a si mesmo na relação com os contextos sociais. Sendo o berçário um desses contextos, exige planejamento dos espaços, tempos e recursos, de modo que contribua para o desenvolvimento físico, cognitivo, psicológico e emocional. Portanto, longe de se configurar como um ambiente assistencial, é um lugar de aprendizagem, pesquisa e formação, sendo preponderante um olhar sensível e observador sobre as formas de comunicação do grupo, que se complexificam à medida que crescem.

Porquanto, atuamos como incentivadoras entre aquilo que os bebês não realizam independentemente e as ações desenvolvidas com destreza. Neste movimento, ficar deitada para acalantar os bebês no período da soneca ou deitar-se para rolar no chão e brincar com os bebês não significa não fazer nada. Segundo Santos (2020), é uma ação intrínseca à docência na primeira etapa da educação básica, que, em certos casos, é menosprezada por comentários equivocados sobre o que é experienciado pelos bebês e educadoras. Comentários estes que já ouvi: “que vida boa, só deitada”; “hoje tá tranquilo, vieram poucos bebês”; “estão todos dormindo? Assim é bom demais!”; “Hoje ela não trabalhou”, entre outras falas. Este ponto também agrava a solidão desta professora de bebês que vos fala, assim como de outras com suas vozes silenciadas. Apesar de regidas pelo mesmo ordenamento jurídico, a própria categoria docente tende a comparar o trabalho na tenra idade à maternagem ou devoção angelical.

Ao contrário disso, Santos (2020), pontua a complexidade da docência com bebês: Estar em contato direto com a criança (dos bebês às crianças maiores) e com o seu corpo torna-se um indicador para avaliar se o professor tem maior ou menor prestígio na sociedade. Quanto menor a criança, menos reconhecimento tem a professora, quanto mais elevado o nível de ensino e a faixa etária do indivíduo, mais prestígio social tem a docente. É perverso pensar à docência sob essa perspectiva, pois as especificidades inerentes ao trabalho pedagógico, em cada etapa, modalidade e nível de ensino, tornam-se elementos diferenciadores da profissão docente. (SANTOS, 2020, p. 15). No desafio de romper com este paradigma, a docência com bebês deve ser entendida em toda a sua complexidade, envolvendo tramas, contextos, emoções e conhecimentos. Nossa responsabilidade é contribuir para o desenvolvimento infantil, e isso precisa ser expresso por meio das publicações acadêmicas, nas formações continuadas das redes de ensino e, especialmente, em nossas próprias produções escritas reflexivas. Essas iniciativas servem como um mecanismo para confrontar os vestígios históricos que ainda permeiam nossa profissão.

Muito embora este caminho seja o mais acertado, no âmbito do poder público municipal de

Ano V, v.2 2025 | submissão: 16/06/2025 | aceito: 18/06/2025 | publicação: 20/06/2025

Maceió/AL, é visível pelos noticiários as ampliações de berçários que comportam mais de 12 bebês por sala, com propagandas de cunho assistencialista e articuladas a iniciativa privada. Galpões que foram adaptados com a ideia de garantir às mães maceioenses os cuidados de seus bebês enquanto trabalham. Concordo que são ambientes seguros para tal finalidade, porém o berçário vai além desta rasa compreensão. Nas agendas políticas, os investimentos precisam se dar em formações continuadas que desmitifiquem a figura angelical em torno da docência com bebês, promovam a valorização salarial e a qualidade nas estruturas dos espaços de creche.

Estamos vivendo à sombra dos séculos passados, o que intensifica a solidão das educadoras de bebês, frequentemente isoladas em salas pequenas e com escassos recursos pedagógicos, adquiridos sem a consulta prévia de quem realmente está na lida diária. Simultaneamente, muitos bebês em berçários compromete a implementação de práticas significativas, dificultando que as educadoras se atentem às particularidades e necessidades de cada um. Essa situação pode provocar um quadro de adoecimento, tanto em termos de saúde emocional quanto física, já que a desvalorização salarial no magistério resulta em jornadas de trabalho excessivas. Além disso, a falta de recursos e de tempo para planejar uma educação que realmente priorize a qualidade da permanência em creche agrava ainda mais o cenário.

Assim sendo, com este artigo quero dizer que o acervo de orientações e diretrizes para a educação infantil, elaborado e distribuído pelo Ministério da Educação (MEC), sem uma política pública de formação específica para a educação infantil e sem a garantia das condições de trabalho, por parte dos estados e municípios brasileiros, não é suficiente para subsidiar o cotidiano escolar. Seguir pelo rumo atual, em que toda a logística de funcionamento do berçário recai sobre os ombros docentes, é decretar com o tempo a falência da docência na primeiríssima infância, retomando os moldes puramente assistenciais, cujos bebês ficam sob a guarda de outros adultos enquanto seus pais retornam do trabalho.

Trazido o relato articulado as reflexões teóricas, aponto à frente algumas considerações finais.

4. Considerações

Para elencar as considerações, retomo a pergunta inicial deste artigo sobre como coexistem a contemplação, que envolve a beleza em acompanhar o desenvolvimento da primeiríssima infância, e a solidão da dimensão educativa-pedagógica. Elas coexistem ora como movimento de inquietação e luta, ora de tristeza, cansaço e desânimo, tendo em vista que somos atravessadas pelo social enquanto seres singulares imersos numa sociedade.

Há dias em que a exaustão provoca a sensação de se deixar levar, de exercer a profissão sem

Ano V, v.2 2025 | submissão: 16/06/2025 | aceito: 18/06/2025 | publicação: 20/06/2025

o real comprometimento que ela exige. Isso porque há de se reconhecer que não somos super-heroínas frente às demandas impostas, exaurindo nossas energias físicas e emocionais. Somos levadas a desempenhar uma organização do berçário para garantir seu funcionamento, que ultrapassa as nossas competências. Neste ponto as imagens, ao tempo que provoca um sentimento de gratificação no acolhimento positivo aos bebês, permitem considerar acerca da respectiva aprendizagem obtida ao longo dos dois anos que fui educadora de bebês (2023 e 2024): é de extrema relevância a pesquisa e o estudo para potencializar os contextos educativos do berçário. No entanto, enquanto estivermos construindo arranjos pedagógicos para suprir uma carência que compete ao poder público, seja ele qual for a esfera, seguiremos nadando contra a maré.

Destarte, essa coexistência de sentimentos é perigosa, sendo em grande parte responsável pelos adoecimentos psíquicos que rondam nossa profissão. Em especial as mulheres, que exercem de maneira mais efetiva o magistério na educação infantil, acompanhadas de jornadas triplas, ou seja, os afazeres domésticos após um dia inteiro de trabalho.

Porquanto, a solidão profissional, no exercício da docência com os bebês, resulta da não garantia das condições de trabalho pelo poder estatal, da falta de políticas públicas para a formação (inicial e continuada) específica das infâncias, quanto da insuficiência ou inexistência de acompanhamento da ação pedagógica das professoras de bebês. Nesse cenário de desafios, somos levadas a desenvolver estratégias investigativas solitárias, buscando sozinhas elaborar o planejamento do berçário e garantir seu funcionamento.

Discutir sobre nós implica, em primeiro lugar, um compromisso ético e político, ressaltando a importância do nosso trabalho para o desenvolvimento da sociedade, pois construir um futuro requer um processo educativo de qualidade nos começos da vida. Nesse contexto, a docência deve ser compreendida como uma categoria singular, influenciada pelas particularidades dos diferentes grupos etários que atende. É fundamental que essa categoria se mantenha unida, respeite e defenda as individualidades em cada etapa da educação. Nesta perspectiva, há lugar de fala para as educadoras de bebês, para estudar, para se sentir apoiadas e encorajadas em suas lutas diárias, seja na escola em que trabalha ou na rede de ensino. Esta frente única, combate o desmonte da educação pública.

Por fim, é imprescindível destacar que o relato de experiência, enquanto recurso de pesquisa na educação, também se configura como um recurso de luta e reconhecimento, além de servir para fazer reconhecer a importância da profissão docente. Para isso, é provocativo continuar a escrever sobre a docência com bebês. Uma escrita cheia de saberes, de afeto, de resistência, de desejos e de compromissos consigo, com os bebês e com a vivência de uma educação infantil que respeita os tempos e modos do bebê ser, agir e explorar as coisas que estão no mundo, bem como a defesa de uma sociedade democrática pautada na garantia dos direitos constitucionais.



Ano V, v.2 2025 | submissão: 16/06/2025 | aceito: 18/06/2025 | publicação: 20/06/2025

REFERÊNCIAS

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 02 fev. 2025.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em 13 de janeiro de 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, 2010. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf. Acesso em 15 de janeiro de 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <http://www.bnc.mec.gov.br/>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2025.

BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política: obras escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CARVALHO, Ana Maria Almeida; PEDROSA, Maria Isabel; FERREIRA, Maria Clotilde. Aprendendo com a criança de zero a seis anos. São Paulo: Editora Cortez, 2012.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Fundamentos epistemológicos da pesquisa biográfica em educação. Educação em Revista, Belo Horizonte, v.27, n. 1, 2011, p.333-346. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/xhw4bbpW3HZkPQZhTtWLcbH>. Acesso em 16 de outubro de 2024.

FREITAS, Anita Viuds. O adulto de referência nos espaços coletivos de educação e cuidado de bebês e crianças pequenas. São Paulo: Revista diálogos piklerianos, v.3, 2023, p. 33-40.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2020.

HORN, Maria da Graça Souza. Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2007.

KÁLLÓ, ÉVA; BALOG, Györgyi. As origens do brincar livre. Coleção primeira infância: educar de 0 a 6 anos. São Paulo: Omnisciência, 2021.

MINETTO, Maria de Fátima Joaquim. PRESTES, Irene Carmem Piconi. O bebê e o enfrentamento do educativo. In: Psicologia da Educação. Curitiba: IESDE, 2018.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: 1º Congresso Nacional da Formação Contínua de Professores, 1992, Aveiro. Anais... Aveiro: Universidade de Aveiro, 1992. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4955743/mod_resource/content/1/Antonio%20Novoa%20%20Forma%C3%A7%C3%A3o%20de%20professores%20e%20profiss%C3%A3o%20docente.pdf. Acesso em 08 de agosto de 2024.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Educação Infantil: saberes e fazeres da formação de professores, Campinas: Editora Papirus, 2008.



Ano V, v.2 2025 | submissão: 16/06/2025 | aceito: 18/06/2025 | publicação: 20/06/2025

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Registros na educação infantil: pesquisa e prática pedagógica. 1. ed. Campinas: Editora Papirus, 2018.

OLIVEIRA, Valeska Fortes; FABRÍCIO, Laura Elise de Oliveira. Imagens na pesquisa com professores: o oral e a fotografia. Revista Educação, v. 29, nº 1, 2004.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa: a integração e a narrativa histórica*. Tomo I. São Paulo: Editora WFM Martins Fontes, 2010.

RICHTER, Sandra Regina Simonis; BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Os bebês interrogam o currículo: as múltiplas linguagens na creche. *Revista Educação*, v. 1, 2010, p. 85-96. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/issue/view/88>. Acesso em 20 de fevereiro de 2025.

SANTOS, Marlene Oliveira. A solidão profissional de professoras de bebês. Revista Interinstitucional Artes de Educar, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 512–531, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/46690/33716>. Acesso em 20 de fevereiro de 2025.